



COMARCA DE SANTA ROSA
2ª VARA CRIMINAL
RUA BUENOS AIRES, 919

PROCESSO Nº: 028/2.11.0000848-2 (CNJ:.0002338-18.2011.8.21.0028)
NATUREZA: CRIMES DE ROUBO E EXTORSÃO
AUTORA: JUSTIÇA PÚBLICA
RÉUS: VANDERLEI RODRIGUES
ALDAIR PIMENTEL BELEN
JUIZ PROLATOR: EDUARDO SÁVIO BUSANELLO
DATA: 23/10/2012

VISTOS ETC.

ALDAIR PIMENTEL BELEN, vulgo “Alemão”, “Belém”, “Belen” e “Sassá”, brasileiro, solteiro, com 33 anos de idade na data do fato, nascido em 19 de outubro de 1977, natural de Santa Rosa (RS), filho de Alfred9o Nunes Belen e Maria Helena Pimentel, residente e domiciliado na Ângelo Aita, n.º 315, em Santa Rosa (RS), atualmente recolhido no Presídio Estadual de Santa Rosa (RS); **VALDIR DA SILVA SANTOS**, vulgo “Dile”, brasileiro, solteiro, pintor, natural de Três de Maio (RS), com 42 anos de idade na data do fato, nascido em 12 de julho de 1968, filho de Antônio Sebastião R. Dos Santos e de Thereza da Silva Santos, residente na Rua Padre Réus, n.º 301, bloco 09, Bairro Planalto, ou na Rua São Sebastião, n.º 287, Vila Agrícola, em Santa Rosa, atualmente em lugar incerto e não sabido (foragido do sistema penitenciário), e **VANDERLEI RODRIGUES**, vulgo “Baita”, brasileiro, solteiro, proprietário de lavagem de veículos, com 34 anos de idade na data dos fatos, nascido em 28 de janeiro de 1977, natural de Doutor Maurício Cardoso (RS), filho de Pedro Antunes Rodrigues e Armerinda Marques dos Santos, residente na Rua Benvindo Giordani, n.º 205, Bairro Planalto, em Santa Rosa (RS), ou na Avenida Getúlio Vargas, n.º 157, em Dr. Maurício Cardoso, foram denunciados pelo Ministério Público como incurso nas sanções do art. 157, §2.º, incisos I, II e III, c/c o art. 61, I, ambos do Código Penal, pela prática do seguinte:

FATO DELITUOSO:

1º FATO

No dia 31 de janeiro de 2011, por volta das 12h10min, na Rua Júlio Leopoldo Rauber, 162, Centro, em Santa Rosa (RS), os denunciados Aldair Pimentel Belen, Valdir da Silva Santos e Vanderlei Rodrigues, em comunhão de vontades e conjugação de esforços, sabendo que o ofendido Claudiomiro Visentini, funcionário da Cooperativa São Luiz, estava em serviço de transporte de valores, subtraíram, para sim, mediante violência física contra ele exercida com emprego de arma de fogo (apreendida na fl. 87), um malote contendo R\$ 94.953,33 (noventa e quatro mil, novecentos e cinquenta e três



reais e trinta e três centavos), em cheques, a quantia de R\$ 86.700,00 (oitenta e seis mil e setecentos reais), em espécie, pertencente à sobredita Cooperativa, além de R\$ 850,00 (oitocentos e cinquenta reais), em espécie, e um cheque no valor de R\$ 500,00 (quinhentos reais), emitido pela “Contul”, pertencentes a “Marvin” (tudo de acordo com o informado pela testemunha Jaime Stochero, responsável pelo setor jurídico da Cooperativa, na fl. 76 do presente expediente policial), uma carteira de plástico, de cor preta, contendo RG, CPF, CNH, título de eleitor e cartões da Caixa Econômica Federal, das Lojas Quero-Quero e das Farmácia Agafarma, todos em nome de Claudiomiro Visentini; e um aparelho de telefone celular, marca Nokia, com chip habilitado sob o n.º 55.9971.9874, objeto de comodato entre Claudiomiro Visentini e a Cooperativa São Luiz (conforme registro de ocorrência policial das fls. 03-04 do feito em tela).

Na ocasião, o denunciado Aldair Pimentel Belen aproximou-se de Claudiomiro Visentini, subjugou-o com uma pistola marca FMHI-Power (indústria argentina), calibre 9mm, com numeração batida, de cor preta e com acabamento oxidado, de uso restrito (a qual foi apreendida em poder de Paulo Ramão, Paulo Éderson Rodrigues Klein e Aldair Pimentel Belen, consoante o registro de ocorrência policial das fls. 87-95, e reconhecida por testemunhas, como se verifica nas fls. 79 e 82-86), e subtraiu o malote, obtendo a posse do objeto e do respectivo conteúdo. Ato contínuo, o denunciado empreendeu fuga, acompanhado do comparsa Valdir da Silva Santos, o qual se encontrava próximo ao local da subtração, dando respaldo à atuação de Aldair Pimentel Belen.

Na sequência, esses dois agentes foram em direção ao Colégio Dom Bosco (situado na Rua Santa Rosa), seguiram até as proximidade da Creche Curumim, subiram na motocicleta Yamaha/YBR 125k, de cor preta, placas MBW 0806, RENAVAL 786786752, chassi 9C6KE013020024569, ano/modelo 2002/2002, pertencente a Valdir da Silva Santos (como prova o histórico da fl. 21), que estava estacionada em frente à referida Creche, e rumaram à Vila Wilkemann, nesta cidade, usada por Aldair Pimentel Belen, no momento da subtração, foram encontrados abandonados, pouco tempo depois, no Bairro Bela Vista, próximo à “Associação Campestre da AGCO”, nesta Cidade, tendo sido reconhecidos por testemunhas (consoante autos de reconhecimento das fls. 27 e 79). Inclusive, a motocicleta foi periciada, não tendo sido nela encontrados sinais de ligação por meio



diverso do convencional uso da chave de ignição, ou seja, não foi acionada por “ligação direta” (fl. 48).

Vanderlei Rodrigues, que era amigo do ofendido Claudiomiro Visentini, participou ativamente da ação delituosa, ao prestar informações relevantes e privilegiadas acerca do cotidiano laboral da vítima Claudiomiro Visentini aos codenunciados Aldair Pimentel Belen e Valdir da Silva Santos. Inclusive, esteve no local da subtração, no dia anterior e também no próprio dia do crime, poucos instantes antes do roubo, subsidiando seus comparsas com esclarecimentos sobre a atividade do ofendido Claudiomiro Visentini e demais circunstâncias do local, garantindo, assim, o êxito da empreitada delituosa.

Os denunciados Aldair Pimentel Belen, Valdir da Silva Santos e Vanderlei Rodrigues são reincidentes (consoante as certidões de antecedentes criminais das fls. 216/221 do expediente cautelar em anexo, que leva o mesmo número do presente Inquérito Policial).

Em 03/03/2011 foi decretada a prisão preventiva dos acusados (fls. 142/144).

A denúncia foi recebida em 01 de abril de 2011 (fls. 783/784).

Deferida a prisão domiciliar ao acusado Vanderlei Rodrigues (fl. 895).

Os denunciados Aldair e Vanderlei foram pessoalmente citados (fls. 804/805, 934/935), sendo determinada a prisão do feito com relação ao acusado Valdir da Silva Santos (fls. 814, 845, verso e 881, verso).

Os réus Aldair e Vanderlei apresentaram resposta à acusação (fl. 955) e rol de testemunhas (fl. 1007).

Durante a instrução foi colhida prova oral, com a oitiva de uma das vítimas (fls. 1017/1020) e de nove testemunhas (fls. 1016, 1020, verso/1028), ocorrendo a desistência da oitiva de duas testemunhas, o que foi homologado (fl. 1145).

Os réus foram interrogados (fls. 1159/1160 e 1303/1304).

A prisão do acusado Vanderlei Rodrigues foi revogada, com a aplicação de medidas alternativas (fls. 1282/1283).

No prazo do art. 402 do CPP, as partes nada requereram (fls. 1294, 1299 e verso).



Em memoriais, o Ministério Público requereu a parcial procedência dos pedidos da denúncia, para que os réus Aldair Pimentel Belen e Vanderlei Rodrigues sejam condenados nas sanções do art. 157, §2.º, incisos I, II e III, c/c o art. 61, inciso I, ambos do Código Penal, inclusive à reparação dos danos decorrentes do delito (fls. 1326/1340).

A defesa do réu Aldair Pimentel Belen requereu o julgamento de improcedência dos pedidos da inicial, forte no art. 386, inciso VII, do CPP (fls. 1345/1360).

A defesa do réu Vanderlei Rodrigues pugnou pela absolvição do acusado, por falta de provas, e, na remota possibilidade de condenação, requereu a aplicação de pena mínima em virtude das favoráveis circunstâncias judiciais, primariedade e bons antecedentes (fls. 1365/1369).

O réu Vanderlei Rodrigues não registra antecedentes (fls. 1314/1315), enquanto Aldair apresenta condenações transitadas em julgado anteriores ao presente feito (fls. 1316/1320).

É O RELATÓRIO.

DECIDO.

Trata-se de denúncia que imputa aos acusados Vanderlei Rodrigues e Aldair Pimentel Belen o crime de roubo qualificado pelo uso de arma, concurso de pessoas e pelo fato de os agentes terem conhecimento de que a vítima estava em serviço de transporte de valores.

A materialidade do fato descrito na denúncia resta comprovada através das comunicações de ocorrência (fls. 185/188 e 279/287), pelo auto de arrecadação (fl. 202), pelo auto de apreensão (fl. 203), pelo histórico veicular (fl. 213), pelos autos de reconhecimento por fotografia (fls. 219 e 332/334), pela perícia do veículo (fl. 240), pelos autos de reconhecimento de objeto (fls. 271 e 278), pelas fotografias das fls. 288/290, pelos autos de reconhecimento de pessoas (fls. 76 e 339/344, pelas imagens do DVD da fl. 1072, pelo laudo pericial (fls. 1163/1165, pelas declarações colhidas durante a fase inquisitorial e judicial do feito.

Quanto à autoria, entendo que não há dúvida de que o réu Aldair Pimentel Belen cometeu o delito em epígrafe. Senão vejamos.

Ao ser interrogado, o acusado Aldair Pimentel Belen confirma que estava em Santa Rosa na época do fato, foragido do sistema penitenciário estadual, mas nega que tenha cometido o delito em apreço, mencionando que:

Juíza – Seu Aldair, eu vou lhe fazer umas perguntas, o Senhor não é obrigado a responder, mas é a oportunidade do Senhor dar a sua versão dos fatos. **Interrogando** – Sim. **Juíza** – O Senhor sabe o porquê está sendo acusado? **Interrogado** – Sei. **Juíza** – Sabe. É um fato que ocorreu lá em Santa Rosa. O Senhor já esteve lá em Santa Rosa? **Interrogando** – Já estive.



Juíza – Em que período? **Interrogando** – Precisar bem certo assim eu não sei. Eu fui preso lá em Santa Rosa agora... **Juíza** – O Senhor foi preso lá? **Interrogando** – Isso. **Juíza** – Agora em janeiro? **Interrogando** – Janeiro do ano passado. **Juíza** – De 2011? **Interrogando** – Fevereiro do ano passado, de 2011. E estive outra vez, mas faz muito tempo, daí eu não lembro certo a data. **Juíza** – O Senhor foi preso lá. O que o Senhor estava fazendo lá? O Senhor morava lá? **Interrogando** – Eu tinha uma namorada lá, daí eu costumava ir lá, e tinha ido procurar um emprego lá, que eu pretendia, eu estava foragido e eu iria me apresentar no Fórum de Santa Rosa, para mim ficar no semiaberto em Santa Rosa. Inclusive eu tenho papel e pedido que eu estava cumprindo pena no IPV, aqui em Viamão, no semiaberto, daí como não deu mais para mim ficar no IPV, eu foragi, mas eu tinha feito pedidos para mim ir para o semiaberto de Santa Rosa e pretendia me apresentar no Fórum de Santa Rosa, para mim ficar no semiaberto lá. Daí então eu estava lá, eu não estava morando em Santa Rosa... **Juíza** – Desde quando você estava lá? **Interrogando** – Fazia uns três dias que eu estava em Santa Rosa. **Juíza** – E sobre esse fato aqui? O que o Senhor tem a dizer sobre isso? É verdade, não é verdade? **Interrogando** – Isso aí, a minha participação não é verdade. Daí a Polícia de lá eu acho que estava investigando esse assalto aí e eu fui preso lá, como eu estava foragido me acusaram desse assalto aí e de mais uns outros assaltos lá. E como fazia quarenta dias, trinta dias que eu estava na rua quando eu fui preso, esses outros assaltos que eu fui acusado, eu estava preso então antes desses trinta dias, daí foi tirado fora esses assaltos por que não teria como eles me acusarem de outros assaltos por que eu estava preso. **Juíza** – Aqui consta que o Senhor teria rendido com uma pistola a vítima, para subtrair os malotes. **Interrogando** – É, isso aí está aí nos papéis. **Juíza** – (...) o Senhor fala? **Interrogando** – Não, essa aí é a acusação que... **Juíza** – E essas outras pessoas o Senhor conhece? O (...)? **Interrogando** – Não, não conheço. **Juíza** – Vanderlei Rodrigues? **Interrogando** – Não. O que aconteceu... **Juíza** – O Senhor foi preso nesse dia ou foi preso um dia depois? **Interrogando** – Não, fui preso... que dia foi esse dia desse roubo? **Juíza** – 31 de janeiro. **Interrogando** – 31 de janeiro. Eu fui preso dia 19 de fevereiro, vinte dias depois. **Juíza** – Mas em razão desse fato? **Interrogando** – Não, eu fui preso em um balneário, a Polícia estava investigando outra quadrilha que estava roubando lá em Santa Rosa, e daí eu fui preso nesse balneário e daí prenderam umas armas lá com outros caras lá e eu foragido... **Juíza** – Como assim? Então onde é que o Senhor estava? **Interrogando** – Num balneário em Santa Rosa. **Juíza** – Mas e essas armas de quem que eram? **Interrogando** – Eu não faço idéia de quem era. Estavam dentro de um carro essas armas. **Juíza** – E o Senhor estava junto? **Interrogando** – Não, eu não estava no carro, eu estava fora do carro com a minha família. **Juíza** – Mas aonde (...)? **Interrogando** – Eu estava num balneário lá em Santa Rosa.. **Juíza** – Com a família? **Interrogando** – Com a minha família. Daí tinha, é cheio de



gente, tem um grupo aqui, outro ali, outro ali, e daí essas pessoas que estavam com essas armas aí, carro roubado e coisa, estavam ali num grupo ali, e eu estava aqui perto, daí a Polícia chegou ali, revistou... **Juíza** – Eles estavam um pouco perto do Senhor? **Interrogando** – É. E daí eu na minha posição de foragido, daí ficou fácil deles me imputar isso aí. **Juíza** – Essas outras pessoas foram presas também nesse dia? **Interrogando** – Foram. **Juíza** - O Valdir e o ...? **Interrogando** – Não, daí é outras pessoas daí. **Juíza** – Pelo Ministério Público. **Ministério Público** – Nada. **Juíza** – Pela Defesa. **Defesa** – O Senhor arrolou testemunhas que estavam nesse balneário? **Interrogando** – Inclusive eu queria falar isso aí. Daí as minhas testemunhas do dia, aonde eu estava no dia do roubo, que o Juiz de lá perguntou aonde que eu estava no dia que aconteceu isso aí, daí eu arrolei as testemunhas e tudo, essas testemunhas foram intimadas a prestar depoimentos, foi marcada audiência, elas compareceram na audiência e não saiu a audiência entendeu, e daí elas não foram ouvidas essas testemunhas, seriam meu álibi do lugar onde eu estava, e não foram ouvidas. E por parte da Defesa, eu estou sendo defendido pela Defensoria Pública quando eu saí lá de Santa Rosa, eu nunca falei com o advogado, nunca tive acesso a defesa nenhuma, só estou sendo acusado disso aí. Na Delegacia eu fui apontado como autor desse roubo aí e foram lá e me acusaram lá na Delegacia e tal. Daí no Fórum eu fui na audiência no Fórum, lá na instrução lá eu não fui reconhecido no Fórum. Fui induzido, as vítimas foram induzidas a me reconhecer na Delegacia, lá pela Polícia Civil de Santa Rosa lá. Tanto é que no dia que eu fui na audiência do Fórum eu não fui reconhecido lá. E defesa eu não estou tendo acesso à defesa, eu queria ver isso aí como é que é, só acusação...(fls. 1303/1304).

Contudo, apesar da negativa de autoria sustentada pelo acusado, em nenhum momento comprova sua tese, nem mesmo merece acolhimento a versão de que foi privado de Defesa, porquanto nada há, nos autos, nesse sentido. Aliás, consta, expressamente, no termo de audiência da fl. 1014, a qual foi assinada por Aldair Pimentel Belen e seu Defensor, que **Antes da abertura desse ato, foi oportunizada ao acusado a entrevista com advogado, nos termos do art. 185, §2.º, do Código de Processo Penal, redação determinada pela Lei n.º 10.792/03.**

Além disso, Aldair Pimentel Belen foi reconhecido pelas testemunhas presenciais do ilícito como o indivíduo que praticou o roubo do malote da Cooperativa São Luiz, no dia 31 de janeiro de 2011, às 12h10min.

O reconhecimento ocorreu tanto pela compleição física como pelas vestes que usava, principalmente a camiseta de cor listrada, que também é facilmente identificável pelas imagens de monitoramento constantes do CD da fl. 1072 dos autos, onde é possível perceber a aproximação de um cidadão de camiseta listrada e bermuda, o qual entra no local onde os funcionários estavam batendo ponto e comete o roubo, saindo correndo do local.



fato ocorreu:

Nesse aspecto, a vítima Claudiomiro Visentini narra como o

Juiz – Visentini, nós tivemos um roubo no dia 31 de janeiro de 2011, por volta das 12h10min lá na Cooperativa e o senhor que era o responsável de transportar o malote. **Testemunha** – Isso, isso. **Juiz** – Foram roubados R\$ 94.953,33 (noventa e quatro mil, novecentos e cinquenta e três reais e trinta e três centavos) em cheques e R\$ 86.700,00 (oitocentos e seis mil e setecentos reais)? **Testemunha** – É, isso eu não...eu só levo. **Juiz** – Sim, o senhor só leva. **Testemunha** – Eu não sei o valor. **Juiz** – O senhor é o responsável pelo malote? **Testemunha** – Isso, isso. **Juiz** – Como é que foi a forma de agir neste dia? O senhor seguiu o mesmo padrão, o mesmo caminho? **Testemunha** – É, sempre, sempre o mesmo sistema (...) como eu não estava indo embora almoçar sempre, fazia bastante tempo, aí eu vinha até ali na frente, batia o cartão e seguia para os bancos. **Juiz** – O cartão é onde tem o depósito de bebidas? **Testemunha** – Isso, isso, na frente. **Juiz** – Onde se deixa as garrafas? **Testemunha** – Isso, isso, atrás ali, atrás. **Juiz** – E o que o senhor notou ali? Foi ali que o senhor foi assaltado? **Testemunha** – Foi ali, mas o que eu vou dizer? Aquele dia, depois, depois, a única questão foi que, no caso, eu estava ali na frente e daí tinha um amigo meu, conhecido meu que estava ali na frente. **Juiz** – Quem que era ele? **Testemunha** – Eu conheço só por “Baita”. **Juiz** – “Baita”? **Testemunha** – É, eu não sei o nome dele. **Juiz** – O nome dele o senhor sabe? **Testemunha** - Acho que é Vanderlei, mas não sei, acho que é Vanderlei. **Juiz** – Ele é seu amigo? **Testemunha** – Isso que eu ia lhe dizer, na verdade, eu sempre saía jogar bocha, para lá e para cá depois das 18h, vários amigos meus... “*Vamos combinar alguma coisa!*” “*Vamos jogar bocha de noite*” e aí ele estaria ali na frente. **Juiz** – E o Vanderlei estaria ali na frente? **Testemunha** – Naquele dia estava. **Juiz** – Aí o senhor bateu o ponto e em seguida o senhor foi atacado? **Testemunha** – Na verdade eu vim para frente para bater o ponto, mas como tinha muita gente eu esperei do lado de fora, estava esperando sair, tinha umas 12 (doze) ou 15 (quinze) pessoas ali dentro mais ou menos e aí eu fiquei na porta esperando para entrar, mas bem na “beradinha” da porta e aí nisso...mas como o pessoal também brincava, porque eu sempre levava o malote ali e aí eles passavam e diziam “*Óh, passa o dinheiro!*”. Mas isso o pessoal da nossa turma, o pessoal da Cooperativa ou as vezes pegavam e iam lá mexer no malote, mas ninguém, nunca... **Juiz** – Certo. **Testemunha** – Mas aí naquele dia chegou um rapaz e esse eu não conhecia, aí chegou e disse: “*Me dá o malote!*”. Na hora eu não... **Juiz** – Não caiu a ficha? **Testemunha** – Não, não, eu levei na... ele disse: “*Me dá o malote cara!*” e mostrou o revólver que ele tinha na perna e aí eu vi que era. **Juiz** – O senhor identificou quem era esse? **Testemunha** - Esse cara, eu na hora, eu na hora...como foi muito rápido, eu lembro que o cara estava de óculos e boné, primeira vez que me mostraram na Civil, que tinham prendido alguém e como até ali eu não conhecia, eu não sabia quem é que era, até o cara me mostrou



no dia e eu achei que não fosse, parecia ser diferente. **Juiz** – Depois o senhor identificou? **Testemunha** – Depois, depois olhando com mais calma, olhando por foto e depois tinham prendido eles lá... **Juiz** – E aí o senhor identificou pessoalmente daí? **Testemunha** – Eu, eu, eu estaria identificando pelas pessoas que estavam aquele dia, que eles chamaram, que poderia ser, seria ele. **Juiz** – E quem seria esse que exigiu que o senhor entregasse o malote? Um desses réus, Vanderlei, Aldair Pimentel Belen, conhecido por “Alemão”, “Belen” (...) ? **Testemunha** - Esse, esse. **Juiz** – Esse teria exigido do senhor? **Testemunha** – É, porque assim, os outros eram morenos, diferentes, pessoas diferentes. **Juiz** – Estavam entre quantos lá? Um lhe calçou na arma e tinha mais alguém com ele? **Testemunha** – Não, ali na hora não, pelo menos que eu vi. **Juiz** – Ele exigiu o malote do senhor, ele estava de boné e óculos. Óculos escuros? **Testemunha** – É, isso, um óculos meio grande. **Juiz** – O senhor recorda a vestimenta que ele estava? **Testemunha** – O que eu vou lhe dizer? Mais ou menos, ele estava de bermuda, isso eu lembro e uma camiseta listrada. **Juiz** – Em seguida, em seguida qual foi o agir dele? Ele saiu em direção ao estacionamento ali? **Testemunha** – É, o senhor conhece ali o estacionamento? **Juiz** – Sim. **Testemunha** - Eu estava no ponto, aí tem um “degrauzinho” e aí ele pegou o malote e saiu correndo para baixo. **Juiz** – Em direção ao Dom Bosco? **Testemunha** – É, em direção ao Dom Bosco, foi até ali que a gente viu. **Juiz** – O senhor viu se tinha alguém aguardando, alguma coisa? **Testemunha** – Não, ali não, eu pelo menos não vi. **Juiz** – O Vanderlei Rodrigues, vulgo “baita” era seu amigo? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – Ele trabalhava em uma lavagem de veículos, alguma coisa? **Testemunha** – É, eu conhecia quando ele morava aqui em cima, ele tinha uma lavagem ali (...) **Juiz** – Ele sabia do seu agir, de como o senhor transportava o malote? O senhor confidenciava ele? **Testemunha** – Na verdade todo mundo me conhece, por faz (...) trabalho na Cooperativa, então todo mundo sabe que eu fazia esse tipo de trabalho. **Juiz** – Mas o Vanderlei sabia? **Testemunha** – Sabia que eu trabalhava com essa parte. **Juiz** – O Vanderlei no dia do fato não foi trocar um cheque com o senhor lá? **Testemunha** – Não, não. **Juiz** – Ou com alguém da Cooperativa? **Testemunha** – Isso que eu estou lhe falando, assim, posso, posso... **Juiz** – Sim. **Testemunha** - A primeira vez que cheguei na Civil: “Desconfia de alguém?” “Não, não desconfio”, não tinha ninguém, aí depois com o passar, aí eu fui umas duas ou três vezes lá e eu aí disseram “Quem sabe um amigo teu!” “Eu não sei, eu não sei, porque tem um monte de gente dentro (...) da Cooperativa” e eu não sabia mesmo, eu não tinha, eu sempre me dei com bastante gente e aí só que depois disso me falaram que talvez estivesse envolvido junto. **Juiz** – O Vanderlei? **Testemunha** – Isso. **Juiz** – Em razão de que? **Testemunha** – Eu não sei, foi que o que me falaram e isso também lá dentro da Civil e aí eu disse: “Bom, (...) “ e me perguntaram “Esse cara assim, assim, assim estava lá, não estava?” “É, realmente estava”. Mas nada de diferente, ele já



tinha ido outras vezes conversar comigo, ia no mercado. **Juiz** – O Vanderlei era seu amigo então? **Testemunha** – Sim, meu conhecido. **Juiz** - Segundo a Polícia ele que prestou as informações para as pessoas que cometeram o delito. Segundo consta na denúncia “Esteve no local da subtração no dia anterior e também no próprio dia do crime, poucos instantes antes do roubo” **Testemunha** – Isso. **Juiz** – No dia anterior ele esteve lá também? Segundo consta aqui. **Testemunha** – Ele tinha ido ali, mas eu não me lembro, dia anterior acho que não, não estou lembrado, não sei lhe dizer. **Juiz** – Ele tinha contato com o senhor lá no seu local de trabalho? **Testemunha** – Agora que o senhor falou (...) eu me lembrei de outra coisa, ele foi umas duas ou três vezes até a Cooperativa porque ele tinha cheque que tinha sido devolvido e que ele tinha que acertar esse cheque (...) tinha ficado um bom tempo e aí ele me perguntou porque queria que a mulher dele trabalhasse ali e aí eu disse para ele subir e falar com o Oldair e aí até eu falei ... **Juiz** – Ele (...) falar com o senhor, ele ia até o seu local de trabalho? **Testemunha** – Passava, passava, cumprimentava normal. **Juiz** – Aqui consta que lhe calçaram com uma pistola 9mm. O senhor sabe que tipo de arma era? **Testemunha** – Eu achei parecida com a que estava presa, mas eu não entendo muito de arma. **Juiz** – Quem é que presenciou esse agir de subtrair o malote? Teve alguém que presenciou lá da Cooperativa? **Testemunha** – Todo o pessoal que estava lá, tinha mais gente. **Juiz** – Tem um tal de Marvin? **Testemunha** – Tem, tem. **Juiz** – Presenciou? **Testemunha** – O Marvin acho que não. **Juiz** – Quem presenciou? Luis Fernando Pinto dos Santo? **Testemunha** – Luis Fernando, Fábio... **Juiz** – Marcus Antônio Paschoal? **Testemunha** – Isso. **Juiz** - Gil Frank Ramirez Batista? **Testemunha** – Esse pessoal aí, a gente se conhece mais pelos apelidos, mas tinha bastante gente. **Juiz** – Mas esse pessoal presenciou? **Testemunha** – Sim, sim. **Juiz** – Estavam entre quantos ali quando ele exigiu o malote do senhor? Quantos na sala batendo ponto? **Testemunha** – Tinha umas 10 (dez), 12 (doze) pessoas em média. **Juiz** – Depois do delito, depois que ele levou o malote o senhor conversou com os outros funcionários? **Testemunha** – Eu não cheguei a conversar porque na hora... o pessoal só perguntou “Como é que está?” **Juiz** – Alguém falou para o senhor não reagir? **Testemunha** – Isso. **Juiz** – Quem é que foi? **Testemunha** – O Luis Fernando. **Juiz** – O Luis Fernando? **Testemunha** – É, isso eu me lembro. **Juiz** – Ele também viu quem cometeu o delito? **Testemunha** – É, eles viram porque ele apontou a arma para dentro, porque eu fui entrar para dentro com o malote e aí ele me agarrou pela camisa, primeiro eu não sabia se era... **Juiz** – O senhor achou que era uma brincadeira? **Testemunha** – No começo eu achei que era uma brincadeira e depois que eu vi, aí báh a responsabilidade era minha, sempre eu fazia e aí eu pensei em não entregar na hora... **Juiz** – Aí esse funcionário convenceu o senhor a entregar? **Testemunha** – Isso, “Entrega o malote!”, ele falou umas duas ou três vezes. **Juiz** – Aqui consta que eles fugiram em uma moto YBR, placas MDW 0806, o senhor tem



conhecimento disso? **Testemunha** – Eu vi eles falarem da moto, mas depois, porque um rapaz saiu de atrás até uma altura. **Juiz** – Que rapaz que saiu de atrás? **Testemunha** – O Fábio eu acho. **Juiz** – Quem? **Testemunha** – Fábio. **Juiz** – Fábio Airton Wink? **Testemunha** – É, porque ele saiu até uma altura e aí ele disse...eu também não me lembro, porque a questão da moto surgiu porque foi assim, o rapaz viu ele descer para baixo, descer com essa moto, acompanhou eles até uma altura e aí que surgiu esse negócio (...) **Juiz** – O funcionário que saiu atrás foi o Fábio? **Testemunha** – É o Fábio foi até uma altura para ver ali, mas aí acho que eles logo desceram, foi muito rápido. **Juiz** – **Pelo Ministério Público. Ministério Público** – No momento que lhe pediram o malote, o Vanderlei continuava lá na frente? **Testemunha** – Não, ele estava antes do meio dia. **Juiz** – Aqui consta que o assalto foi as 12h10min. **Testemunha** – É, e daí assim, eu descia um pouco antes, fazia meu serviço e descia ali embaixo fumar um cigarro, na frente do estacionamento, não ia todos os dias, mas as vezes eu ia e aí quando eu estava voltando disso, do estacionamento, para entrar na Cooperativa de novo aí que ele vinha saindo de dentro do mercado e por isso que eu digo que eu não sei se tem... **Juiz** – Alguma coisa haver ou não? **Testemunha** – É, isso que eu estou lhe dizendo, até ali era uma coisa normal, a gente sempre conversava, eu não posso.... **Ministério Público** – E o senhor percebeu algum sotaque diferente nesta pessoa que lhe solicitou o malote? **Testemunha** – Isso eu comentei no dia, comentei que achava que era uma pessoa que não fosse daqui porque disse assim: “*Entrega o maloti!*”, não tem sotaque igual o nosso. **Ministério Público** – “Maloti?” tí? **Testemunha** – É, “*Dá o maloti!*”, diferenciado do nosso e assim o cara foi bastante frio na hora... **Ministério Público** – O senhor referiu que era uma pessoa com pela clara. Confirma isso? **Testemunha** – É, uma pessoa clara, na hora (...) porque os outros que estavam lá quando fomos reconhecer eram pessoas mais morenas, mais gordas, eram diferentes. **Ministério Público** – Sua carteira pessoal também foi subtraída? **Testemunha** – Sim, todos os documentos que eu tinha, telefone, uma chave... **Ministério Público** – Estavam dentro do malote? **Testemunha** – Sempre eu colocava dentro, porque eu tinha o carro ali fora e quando eu voltava do banco sentava dentro do carro, esperava, descansava naquele intervalo de tempo. **Ministério Público** – O senhor referiu que a camiseta do agente parecia ser listrada. Confirma isso? **Testemunha** – É, parecia ser listrada, até a gente acabou vendo na câmera, eles mostravam na Civil. **Ministério Público** – Nada mais. **Juiz** – **Pela Defesa do réu Vanderlei. Defesa** – O senhor mencionou anteriormente na pergunta do Magistrado que muitas pessoas sabiam o que o senhor fazia, só para nós clarear, sabiam que o senhor carregava valores? Isso que o senhor quis dizer? **Testemunha** – É, que eu fazia serviço de bancos, o pessoal deduzia, eu também não falava em quantidade (...). **Defesa** – Isso inclui seus amigos que jogavam bocha também? **Testemunha** – Sim, sim. **Defesa** – O senhor e o Vanderlei se ligavam, tinham essa intimidade de se telefonar? **Testemunha** –



Sim, sim, ligava assim “*vamos jogar bocha hoje?*” nós tínhamos sempre na sexta-feira e aí ligavam um dia antes para avisar se vai ou se não vai por causa da janta. **Defesa** - O senhor jogava bocha com um tal de Rogério que trabalha na AGCO e um tal de Jair que também trabalha na AGCO? **Testemunha** - Sim, sim. **Defesa** - O Volmir Bosco também? **Testemunha** - Sim. **Defesa** - Esse também? **Testemunha** - Também. **Defesa** - No local onde aconteceu o assalto tem filmagens, tem filmadoras lá? **Testemunha** - Tem. **Defesa** - Nada mais. **Juiz - Pela Defesa do réu Aldair.** **Defesa** - Em relação a arma, o senhor referiu que a arma estava na mão esquerda, junto a perna dele, isso? **Testemunha** - Isso. **Defesa** - O senhor chegou a identificar esse tipo de arma lá na Delegacia de Polícia? **Testemunha** - Eles prenderam uma arma e eles tinham umas outras, mas essa aí tinha dois (...) não um cano só, era tipo uma pistola. Aí no dia me mostraram “*essa aqui?*” “*não, essa não é*” porque era tipo um revólver normal e aí na outra vez mostraram essa arma e aí eu disse que era parecida, que era parecida com essa, parecida com aquele tipo de pistola. **Defesa** - Era mais larga? **Testemunha** - Isso, o cano era mais largo. **Defesa** - O senhor não saberia diferenciar o que é uma pistola (...) 40, uma pistola 265, o calibre da pistola o senhor não sabe diferenciar? **Testemunha** - Não. **Defesa** - Não saberia dizer o que é uma ponto 40, uma 380 ou uma 9mm? **Testemunha** - Não. **Defesa** - Em relação ao reconhecimento de pessoa que foi promovido na Delegacia de Polícia, conforme fl. 106 dos autos. Foi realizado no dia 24 de fevereiro, bem depois do fato, o fato foi dia 31 de janeiro. O senhor confirma que o senhor não tinha certeza quanto ao reconhecimento do acusado que teria efetuado o assalto? **Testemunha** - Do rapaz esse? **Defesa** - É. **Testemunha** - Mesma coisa que eu disse lá, para mim foi muito rápido, até porque ele chegou (...) ele fez isso aí, fez o assalto e aí eu olhei e tentei entrar para dentro e aí para adiante eu só fiquei de costas para ele, porque ele me agarrou e colocou o revólver aqui e (...) e aí o pessoal que estava dentro foi o pessoal que ficou bem mais tempo com (...) porque para mim foi muito rápido. **Defesa** - Quanto tempo foi a abordagem dele ali? **Testemunha** - Por exemplo, ele chegou assim: “*Me da o maloti!*”. Aí eu não olhei, a primeira vez eu não olhei, porque né, aí ele me encostou e me mostrou a arma e disse: “*Me da o maloti cara!*”. Eu olhei para ele e não conheci e aí eu fui virar para entrar para dentro com o malote e ele me agarrou na camiseta e me segurou, então o que vou lhe dizer? O pessoal que estava lá (...) no dia de reconhecimento, os outros eu sabia que não era, o que poderia ser parecido era esse rapaz. **Defesa** - Parecido, mas o senhor não tinha certeza? **Testemunha** - É o que eu estou dizendo, eu achei parecido, no dia foi muito rápido. **Defesa** - O senhor não chegou a visualizar o rosto dele com muito tempo? **Testemunha** - Não, não. **Defesa** - (...) para ter capacidade de reconhecer ele? **Testemunha** - Na hora sim, a gente pode olhar e tudo, mas eu estou falando da questão de eu chegar e dizer com certeza, é ou não é, de óculos, de boné, como ele estava, ele tinha o boné



bem para baixo, um óculos grande, isso eu me lembro mais ou menos, mas como eu não olhei ele de frente eu estava aqui e ele estava de lado e eu só olhei assim de rápido e aí eu para identificar com 100% de certeza (...), mas era parecido. **Defesa** – Nada mais. **Juiz** – A filmagem pegou esse rapaz agindo contra o senhor? **Testemunha** – Pegou ele descendo, porque agora tem câmera, antes não tinha, as câmeras que pegam é as que tem na frente do mercado. **Juiz** – Mas próximo dele não tinha câmera? **Testemunha** – Não, ali não, foi colocado agora, mas não estava ligado que eu saiba (fls. 1017/1020).

Aliado ao depoimento de Claudiomiro, encontram-se os relatos dos demais funcionários da Cooperativa São Luiz, os quais revelam mais detalhes sobre a identificação do réu Aldair, especialmente porque puderam visualizar o rosto do indivíduo que, mediante o uso de uma arma de fogo, ameaçou o “office boy” da cooperativa, obrigando-o a entregar o malote que continha grande quantidade em dinheiro. Da mesma forma, acrescentam detalhes sobre a rota de fuga efetuada pelo autor. Atente-se.

A testemunha Luis Fernando Pinto dos Santos revela que:

Juiz – Luis Fernando, o Senhor tomou conhecimento de um roubo contra a Cooperativa? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O Senhor é funcionário da Cooperativa? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O Senhor trabalha em que setor? **Testemunha** – Na parte administrativa, lá em cima, segundo piso. **Juiz** – O Senhor não presenciou em si o roubo, o roubo o Senhor não presenciou, o Senhor estava batendo o ponto? **Testemunha** – Sim, eu estava batendo o ponto. **Juiz** – O que o Senhor viu lá quando estava batendo o ponto? **Testemunha** – O nosso maloteiro estava fora, escorado na parede. **Juiz** – Enquanto o Senhor estava dentro do ambiente? **Testemunha** – Enquanto eu estava dentro, daí, tinha mais ou menos umas dez pessoas lá dentro, daí começou tipo uma confusãozinha assim sabe, me deixa, não sei o que, e daí, daqui um pouco a gente olhou assim, daí estava o rapaz agarrado na camisa dele, daí ele conseguiu entrar, o maloteiro, daí o cara botou a pistola na barriga dele, aí a gente se assustou e foi um pouco para trás, e aí que a gente viu que era um assalto. **Juiz** – Esse rapaz tinha uma fala diferenciada da nossa? **Testemunha** – Sim, ele falava tudo no “ti” assim. **Juiz** – O Senhor chegou a visualizar ele? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O rosto? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O Senhor reconheceu pessoalmente ele na Polícia? **Testemunha** – Sim, lá na Delegacia. **Juiz** – Como sendo quem? **Testemunha** – Como sendo esse assaltante, o nome dele eu não sei. **Juiz** – O Senhor fez o reconhecimento visual dele? **Testemunha** – Fiz. **Juiz** – E não teve dúvida que era ele? **Testemunha** – Não, não tive dúvidas, porque até teve um colega que bateu o ponto e quis sair, daí, na hora ele botou a hora no peito do meu colega, e aí o óculos que ele estava baixou um pouquinho, tava com o boné um pouco para cima, daí deu para visualizar essa região e essa região, então não tem como errar. **Juiz** – O Senhor tomou



conhecimento que ele saiu correndo em sentido ao Dom Bosco? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – Pela Creche Curumim? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – Tomou rumo... **Testemunha** – À esquerda. **Juiz** – Do Armazém ou da creche Curumim. **Testemunha** – Não da creche Curumim. **Juiz** – O Senhor soube se havia alguém lá aguardando ele? **Testemunha** – A daí já não. **Juiz** – Não sabe? **Testemunha** – Não sei. **Juiz** – O Senhor tem absoluta certeza então que quem praticou o roubo foi à pessoa reconhecida pelo senhor? **Testemunha** – Isso, na Delegacia. **Juiz** – O nome dele seria Aldair Pimentel Belém, conhecido por “Belém”, “Alemão”? **Testemunha** – Eu não posso dizer porquê (...) **Juiz** – Quando o Senhor fez o reconhecimento ele estava sozinho na Delegacia ou tinha mais pessoas? **Testemunha** – Tinham mais pessoas. **Juiz** – Pelo Ministério Público. **Ministério Público** – Nada. **Juiz** – Pela Defesa do réu Vanderlei. **Defesa** – Nada. **Juiz** – Pela Defesa do réu Aldair. **Defesa** – A que distância o Senhor estava ali do local dos fatos? **Testemunha** – 1 (um) metro deles. **Defesa** – Havia muita gente ali junto com a vítima, outros funcionários ali da Cooperativa? **Testemunha** – Tinha, tinha, mas eu não me lembro quem, mas quando aconteceu, todo mundo saiu correndo, só ficou o Visentini, que é o nosso maloteiro, que entrou para dentro com ele e daí eu já não vi mais nada, porque a gente se assusta no momento. **Defesa** – O Senhor se recorda de que roupas o assaltante estava vestindo? **Testemunha** – Calça de jeans, daí uma camiseta que tinha umas listras assim, boné preto e raibã preto. **Defesa** – Quanto tempo levou isso mais ou menos, foi rapidinho? **Testemunha** – Foi acho que um minuto e meio, por aí, dois minutos, acho que nem isso, porque foi, o que mais demorou foi quando o Visentini largou a sacola e ele saiu a mil pra lá, descendo, daí a gente até, a maioria pegou o telefone para ligar para o 190. **Defesa** – No momento do assalto, o Visentini ficou de frente a frente ou ficou de costas ou ficou de lado para o assaltante? **Testemunha** – Lá fora eu não sei lhe dizer como, mas quando ele estava lá dentro ele estava tentando segurar a sacola para o cara não pegar, mas o cara botou a pistola e apertou a pistola, daí a maioria e até eu gritei “solta Visentini, senão ele vai te atirar”, a maioria gritou né, daí ele soltou. **Defesa** – O Senhor chegou a visualizar o rosto, identificação do assaltante, o Senhor (...) foi o rosto e a boca, como é que foi isso? **Testemunha** – É, porque ele estava de raibã preto, daí quando ele apontou a arma para o meu colega, o raibã caiu um pouquinho, então deu para mostrar toda essa parte dos olhos daqui e da boca, então tu reconhece o cara. **Defesa** – Tu sabes dizer qual é a estatura dele, cor de pele? **Testemunha** – Ele é meio moreno e tem um 1m 70 e poucos centímetros por aí, eu não tenho uma precisão certa. **Defesa** – Nada mais. **Juiz** – Luis Fernando foi filmado, tinha filmagem lá, câmaras da Cooperativa que filmavam o ambiente ali? **Testemunha** – Eu não sei lhe dizer, eu não tenho essa informação... (fls. 1023, vero/1024).

No mesmo sentido é o depoimento da testemunha Nelson Casagrande, o qual, inclusive, reconheceu o réu Aldair Pimentel Belen quando da



audiência de instrução e julgamento:

Juiz – Nelson, o Senhor estava lá na fila batendo o cartão no dia do fato? **Testemunha** – Positivo. **Juiz** – O Senhor presenciou todo o fato então? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O Senhor viu quando alguém, de posse de uma arma, roubou o malote da Cooperativa junto ao Vicentini? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O Senhor chegou a visualizar essa pessoa? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O Senhor identificou essa pessoa posteriormente? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – Essa pessoa foi identificada pessoalmente pelo Senhor ou por fotos? **Testemunha** – Por fotos primeiramente, e depois pessoalmente. **Juiz** – Essa pessoa que o Senhor identificou na ocasião ele estava lá na Delegacia de Polícia? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – A identificação foi junto com outras pessoas ou estava só ele? **Testemunha** – Não, estavam, após o vidro estavam outras pessoas. **Juiz** – A polícia lhe falou quem que seria essa pessoa, o nome dele, para o Senhor? **Testemunha** – O nome eu não tenho certeza. **Juiz** – Essa pessoa, o Senhor tem absoluta certeza que foi quem praticou o roubo contra o Vicentini e contra a Cooperativa? **Testemunha** – Absoluta. **Juiz** – O Senhor descreveu todas as roupas aqui que ele tinha, que ele usava? **Testemunha** – Sim, sim, boné, óculos, a roupa, toda ela. **Juiz** – Teve um detalhe, a bermuda que ele usava era a mesma que ele vestia quando ele foi reconhecido pelo Senhor, foi isso? **Testemunha** – As roupas, a gente reconheceu algumas delas como sendo similar antes do reconhecimento dele, que estava o material apreendido. **Juiz** – O material apreendido? **Testemunha** – Isso. **Juiz** – O Senhor disse que reconheceu uma das armas apreendidas, uma pistola 9mm de cor preta e também a bermuda jeans escura? **Testemunha** – Isso. **Juiz** – Como sendo as mesmas usadas naquele dia para praticar o roubo? **Testemunha** – Positivo. **Juiz** – O Senhor sabe se esse ladrão que foi preso e o Senhor identificou lá na Delegacia, no primeiro momento ele se identificou como Cristian Fumim de Souza, usando outro nome? **Testemunha** – Não, não, eu me ative à pessoa só, quanto a nomes eu não, eu ouvi o pessoal da polícia comentando que ele, no momento tinha sido apreendido com um nome e depois forem investigar e viram que tinha um outro nome. **Juiz** – Pelo Ministério Público. **Ministério Público** – Após o roubo, o Senhor viu para onde essa pessoa correu? **Testemunha** – Sim, saímos da sala, do registro do ponto e vimos a direção que ele tomou. **Ministério Público** – O Senhor viu se tinha alguém lhe aguardando? **Testemunha** – O fato de alguém estar aguardando depois foi relatado por outras pessoas que passaram na rua, eu me ative a procurar o celular e entrar em contato com o 190 e casualmente uma viatura passava naquele momento. **(Realizado o reconhecimento).** **Juiz** – **Casagrande, o Senhor visualizou duas pessoas, uma tinha o nº 01 e outra tinha o nº 02, o Senhor reconheceu uma delas ou as duas como sendo aquela que cometeu o delito lá.** **Testemunha** – **A numero dois.** **Juiz** – **A número dois, com absoluta certeza.**



Testemunha – Sim, apesar de estar com barba e cabelo grande que na época não tinha, com absoluta certeza. Juiz – Quem usava o número 02 era o Aldair e o número 01 era o Vanderlei... (fls. 1026, verso/1027).

Fábio Airton Wink, a seu turno, salienta que estava presente no momento do assalto e, inclusive, observou que o autor do fato foi auxiliado por um comparsa, com o qual fugiu de motocicleta:

Juiz – Fábio, aconteceu um roubo lá na São Luiz, o Senhor é funcionário lá? **Testemunha –** Sim. **Juiz –** Estava batendo o ponto? **Testemunha –** Isso. **Juiz –** Presenciou o fato? **Testemunha –** Sim. **Juiz –** O Senhor conheceu quem cometeu o roubo? **Testemunha –** Eu 90% (noventa por cento) reconheci que era o cara (...). **Juiz –** O Senhor reconheceu pessoalmente a pessoa, lá na Delegacia? **Testemunha –** Lá na Delegacia. **Juiz –** Quando ele cometeu o delito ele estava de boné e de óculos? **Testemunha –** E de óculos. **Juiz –** O Senhor tem noventa por cento de certeza que foi ele? **Testemunha –** Sim. **Juiz –** Seus colegas, dois ou três que já foram ouvidos reconheceram com absoluta certeza como sendo ele, ele vestia que roupa? **Testemunha –** Era uma camiseta listrada e bermuda jeans. **Juiz –** O Senhor parece que correu atrás dele? **Testemunha –** Não, eu apenas saí de moto para ver em que direção que ele ia, para ter uma informação. **Juiz –** Eles saíram correndo pela cidade toda de a pé ou tinha alguém esperando ele? **Testemunha –** Tinha alguém esperando ele com uma moto. **Juiz –** E ele embarcou no que? **Testemunha –** Em uma moto. **Juiz –** Quem é que conduziu a moto? **Testemunha –** Esse eu não consegui ver. **Juiz –** E que cor era a moto? **Testemunha –** Eu também não consegui ver a moto. **Juiz –** E placa, nada? **Testemunha –** Não. **Juiz –** Essa moto desceu aonde? **Testemunha –** Na Creche Curumim. **Juiz –** Lá que dá nos Escoteiros, lá embaixo? **Testemunha –** Sim. **Juiz –** Havia alguém esperando ele de moto lá? **Testemunha –** Sim... (fl. 1027, verso).

A testemunha Marcus Antônio Paschoal, o qual estava no interior de seu veículo, estacionado em frente à Escola Infantil Curumim, consigna, em seu relato que:

Juiz – Marcus, o Senhor figura como testemunha de uma denúncia aqui contra Aldair Pimentel Belém, Valdir da Silva Santos e Vanderlei Rodrigues, sobre um roubo cometido contra a Coopermil no dia 31 de janeiro de 2011, o Senhor confirma que o Senhor presenciou algo sobre este fato aqui? **Testemunha –** Confirmando. **Juiz –** O Senhor estava em que local? **Testemunha –** Em frente à Escola Infantil Curumim. **Juiz –** O Senhor aguardava familiar seu lá? **Testemunha –** Estava em um trabalho de campana no momento lá. **Juiz –** E o que o Senhor presenciou? **Testemunha –** Bom, veio dois rapazes, no sentido Dom Bosco à Escola Curumim, um deles pegou um capacete que estava



escondido num mato, numas folhas ali, ao lado da escola e tinha uma moto parada na frente da escola e eu estava do outro lado da rua, e um deles pulou na moto, menor, estatura mediana, e tentava fazer a moto pegar, e um momento depois, uns trinta segundos no máximo, veio o outro cara correndo, maior, portando já uma sacola preta, possivelmente, acho que era do furto, pelo que eu fiquei sabendo que era do furto depois e daí eles montaram em cima da moto e desceram em sentido do mato que vai lá para o Liminha.

Juiz – Marcus, não havia ninguém então na moto, aguardando na moto? **Testemunha** – Não, a moto estava parada, desligada.

Juiz – Um veio num primeiro momento e pegou um capacete que estava em umas folhagens, em um mato? **Testemunha** –

Escondido. **Juiz** – O Senhor conseguiu visualizar ele, o rosto dele? **Testemunha** – Os dois. **Juiz** – E o outro também veio sem

capacete? **Testemunha** – Eles estavam sem capacete. **Juiz** –

Os dois sem capacete? **Testemunha** – Os dois sem capacete.

Juiz – O Senhor reconheceu na Policia essas pessoas, identificou eles, com absoluta certeza? **Testemunha** – Sim, cem

por cento. **Juiz** – Como sendo quem, o Senhor recorda os

nomes? **Testemunha** – Não, por nome não. **Juiz** – Mas o

Senhor identificou com cem por cento de certeza, em razão de

que não utilizavam capacete, algum deles utilizava boné, óculos,

alguma coisa assim nesse sentido? **Testemunha** – Eu lembro

que eu dei no depoimento, mas agora eu não recordo a cor. **Juiz**

– Mas o Senhor não teve dúvida quanto à identificação que o

Senhor fez? **Testemunha** – Não, não, nenhuma. **Juiz** – Com

absoluta certeza? **Testemunha** – Absoluta certeza. **Juiz** – Quem

conduzia a moto, quem tentou sair com a moto foi quem tinha o

menor porte? **Testemunha** – Isso. **Juiz** – E ele saiu com a moto

efetivamente? **Testemunha** – Eles pedalaram a moto para tentar

funcionar, o grande tentou empurrar e daí a moto pegou e eles

desceram sentido ao mato. **Juiz** – Sentido aos escoteiros ali?

Testemunha – Exatamente, sentido os escoteiros ali? **Juiz** – Pelo

Ministério Público. **Ministério Público** – O Senhor telefonou

prontamente para a Brigada Militar? **Testemunha** – Isto, avisei

no 190. **Ministério Público** – O Senhor desconfiou daquela

conduta deles? **Testemunha** – Exatamente, exatamente, da

forma que eles estavam atuando ali não era normal, daí tinha

gente olhando para o lado de baixo e eu já vi que totalmente que

era alguma coisa que estavam praticando, com certeza.

Ministério Público – Essa motocicleta era clara, escura?

Testemunha – Se eu não me engano era uma preta, cor escura

então. **Ministério Público** – O Senhor reconheceu também a

fotografia de uma motocicleta encontrada pela Brigada Militar

como sendo aquela que estava parada? **Testemunha** – Sim, me

mostraram na Delegacia e eu confirmei. **Ministério Público** – O

Senhor reconheceu? **Testemunha** – Confirmei, sim. **Ministério**

Público – Nada mais. **Juiz** – Pela Defesa do réu Vanderlei?

Defesa – Nada.

Juiz – Pela Defesa do réu Aldair? **Defesa** – O Senhor se recorda

que roupa eles vestiam naquele momento em que o Senhor

estava lá, próximo à Curumim, de calça, de (...)? **Testemunha** –



Cores escuras, se eu não me engano uma camisa listrada, se eu não me engano eu dei no depoimento de uma camisa listrada, em um deles. **Defesa** – O Senhor se recorda que estatura aproximadamente eles deveriam ter essas pessoas? **Testemunha** – 1,65 (um metro e sessenta e cinco) o menor, e o outro 1,70 (um metro e setenta), talvez mais, porte alto. **Defesa** – Que distância aproximadamente o Senhor se encontrava ali da motocicleta? **Testemunha** – Isso seria do outro lado da rua, olha 8 (oito) metros, de 8 (oito) a 10 (dez) metros, eu estava dentro do carro e a moto estava estacionada, do outro lado da rua... (fl. 1025).

Da mesma forma, os policiais que participaram das investigações acerca do roubo são unânimes em afirmar que Aldair Pimentel Belen foi reconhecido pelas testemunhas, bem como pelas imagens das câmeras de monitoramento da cooperativa vitimada.

O Policial Civil Rodinei Luis Souza Barroso afirma que:

Juiz – Temos uma denúncia contra Aldair Pimentel Belen, Valdir da Silva Santos e Vanderlei Rodrigues, 31 de janeiro de 2011, um roubo, praticado contra a Cooperativa São Luiz. O que o senhor sabe sobre esse fato? **Testemunha** – Eu sei praticamente tudo com relação ao fato que ocorreu. **Juiz** - Receberam a notícia do roubo? **Testemunha** – Ocorreu o roubo em si, após o roubo chegou a notícia na Delegacia e aí se deu início a investigação. **Juiz** – O que foi apurado? **Testemunha** – Tinha imagens, as imagens captaram o Aldair Pimentel Belen quando atravessou a rua, praticou o roubo... **Juiz** – O senhor olhou as imagens? **Testemunha** – Olhei as imagens. **Juiz** – E o senhor olhando as imagens identificou como sendo o Aldair Pimentel Belen? **Testemunha** – Depois que eu vi ele e analisando as imagens quase 100% inegável que é ele. **Juiz** – As imagens captaram ele correndo? **Testemunha** – É, depois nas diligências se comprovou que logo depois duas quadras depois do mercado uma testemunha, acho que é Marcus, visualizou no dia do roubo duas pessoas, logo após o roubo o cara que meteu o assalto correu e tinha um outro esperando junto de uma moto, essa pessoa Marcus Paschoal, visualizou essas duas pessoas e essa testemunha reconheceu depois nas diligências, como sendo o Aldair um deles e o Valdir como sendo o outro. **Juiz** – O que conduzia a moto? **Testemunha** – É, até na verdade ele tentou sair com a moto e a moto não pegou e aí o outro que... **Juiz** – E essa moto... **Testemunha** – Essa moto era moto do Valdir, porque durante a fuga a moto, eles abandonaram a moto. Por que abandonaram a moto? A nossa conclusão é que a moto estava com pouco combustível e não foi trocado a chave da reserva e aí a moto deve ter começado a falhar, isso é a conclusão da Polícia. **Juiz** – Então quem viu o Aldair correndo até a moto e o Valdir conduzindo a moto foi esse tal de Marcus Antônio Paschoal? **Testemunha** – Marcus, que estava em frente de uma creche e esperando a esposa me parece, não



sei quem exatamente, mas visualizou, viu a situação e estranhou, só que depois ele tomou conhecimento do roubo e aí “ó, assim, assim” e aí a gente identificou ele ... **Juiz** – E o Marcus olhou a filmagem também e identificou como sendo o Aldair? **Testemunha** – Posteriormente ele olhou pessoalmente e também por foto o Aldair, porque até então o Valdir depois de um tempo, no mesmo dia, ao final do dia quando ele foi localizado...porque até então não se sabia da participação dele, ele veio lá e alegou que teriam furtado a moto, ele alegou que aquele dia ele trabalhou até um horário de meio dia e depois foi para Três de Maio, só que no decorrer da investigação a gente comprovou que ele mentiu. Por que? Aquele dia ele usou o telefone aqui em Santa Rosa (...) e também pelo decorrer das investigações nós comprovamos que esse Aldair Pimentel Belen havia ido uns dias antes na casa dele, ele tinha acolhido esse outro assaltante, o senhor entendeu?

Juiz – Sim. **Testemunha** – E também depois do roubo eles teriam ido na casa de outra pessoa (...) tinham ficado e depois já tinha outro terceiro que aí saiu da casa do (...) de táxi, a gente identificou esse taxista e esse taxista confirmou essa situação.

Juiz – O taxista eu recordo que conduziu essas pessoas.

Testemunha – O taxista uns dias antes, segundo a versão dele, porque depois foi pedido a quebra do sigilo telefônico e aí a gente identificou esse taxista e aí ele disse que uns dias antes tinha feito uma corrida para a estação rodoviária para uma pessoa, a qual ele definiu como magrinho, meio idade e cabelo meio grisalho, até o apartamento onde mora o Valdir. Diz que ele viu essa pessoa no apartamento do Valdir e que no dia do roubo a noite ele recebeu uma ligação para fazer uma corrida para essas pessoas e aí ele foi até uma praça próximo a casa do (...) e depois no outro dia ele levou essas duas pessoas em uma casa na Vila Winkelmann e depois se comprovou, pela própria versão dele, ele nos mostrou a casa que era da Simone Kamchen e do Fábio Rodrigues. **Juiz** – E essas pessoas que ele transportou no táxi foram quem? **Testemunha** – O Aldair Pimentel Belen e o Paulo Ramão. **Juiz** – A moto com certeza, segundo investigações da Polícia, foi conduzida pelo Valdir?

Testemunha – Segundo versão da testemunha, no primeiro momento ele que tentou sair conduzindo a moto, só que parece que a moto não pegava e aí um outro pedalou, uma pessoa um pouquinho mais alta e aí fez a moto funcionar e saiu a outra pessoa, que seria o Aldair, conduzindo a moto. **Juiz** – O Valdir e o Aldair estariam de capacete? **Testemunha** – O capacete estavam escondidos atrás de uma moita, folhagem perto da creche Curumim, por isso que ele pode visualizar bem. **Juiz** – Então o Valdir que aguardava o Aldair vir do roubo estava sem capacete? **Testemunha** - Os dois estavam sem capacete, os capacetes não ficaram exatamente na moto, ficaram um pouquinho mais para baixo, segundo versão desta testemunha e aí ele observou essas duas pessoas correndo, um deles foi lá e pegou os capacetes que estavam embaixo de uma folhagem do lado da creche Curumim, mas ele chegou a visualizar os dois antes de botarem o capacete. **Juiz** – O Valdir ficou esperando na



moto ou foi até próximo ao local do roubo? **Testemunha** – Lá próximo o local do roubo ele não foi visualizado, mas segundo a versão desta testemunha, ele viu os dois correndo e então é quase 100% certo que ele tenha ficado mais para baixo. **Juiz** – Rodinei, na investigação da Polícia o autor do delito, no primeiro momento, que praticou o assalto junto a vítima Visentini foi o Aldair? **Testemunha** – Foi o Aldair Pimentel Belen, tudo conforme provas que foram carreadas e trazidas para dentro do inquérito. **Juiz** – No segundo momento quem deu a carona foi o Valdir? **Testemunha** – O Valdir Pimentel Belen que era o proprietário da moto e que em um primeiro momento, ao final do dia foi na Delegacia, uma falsa comunicação de crime de que esta moto tivesse sido furtada (...) **Ministério Público** - As roupas que teriam sido usadas pelo Aldair e pelo outro agente foram apreendidas? **Testemunha** – Logo após o roubo me parece que uma camisa foi abandonada no local, próximo aonde essa moto foi abandonada, o capacete, não lembro exatamente o que. Por ocasião da prisão deles algumas vestes, calçados, armas, sacolas e inclusive no dia que ele meteu o assalto se deu para ver perfeitamente uma sacola, por ocasião da prisão dele e uns dias depois também (...) uma sacola que as testemunhas acabaram identificando ou achando muito semelhantes a que ele usava, a arma idêntica também e outros detalhes também. **Ministério Público** - A prisão ocorreu poucos dias atrás? **Testemunha** – O fato ocorreu dia 31 de janeiro e eles presos dia 19, porque logo após o roubo, como nós recebemos informações que ele estava usando aquele telefone, nós começamos a monitorar o telefone, só que não dava áudio, uns dias depois, quando da inquirição do taxista ele disse “ó o cara me ligou de um telefone tal” e aí foi solicitado aqui para Justiça um monitoramento em cima daquele telefone e aí com base naquele monitoramento nós acabamos flagrando eles em um balneário e que foi no dia 19 de fevereiro. **Ministério Público** – Policial, o senhor analisando as imagens e verificando o Aldair o senhor da quase 100% de certeza que é a mesma pessoa? **Testemunha** – Eu dou 100% de certeza. **Ministério Público** - Nada mais. **Juiz** – **Pela Defesa do réu Vanderlei.** **Defesa** – O senhor mencionou para mim que fizeram o reconhecimento comparando as filmagens, testemunhas. Pergunto ao senhor, foi juntado aos autos de investigação essas filmagens? **Testemunha** – O que foi juntado aos autos, pelo que eu sei, não posso afirmar com certeza se as filmagens foram feitas em (...) fotografias, mas não tenho certeza. **Defesa** - Os CDs das filmagens o senhor não tem conhecimento então se foram juntados? **Testemunha** – É... (fls. 1020, verso/1022).

José Roque Gerlach corrobora as declarações de Rodinei, ao narrar que:

Juiz – José, o Senhor acompanhou essa investigação do roubo da São Luiz, foi isso? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – O que constataram sobre a autoria do delito? **Testemunha** - Quando deu o roubo, segundo as testemunhas, uma só pessoa cometeu



o roubo, aí correu em direção a Creche Curumim, daí, segundo a testemunha Marcus Paschoal, acho que foi, ele viu que outra pessoa estava esperando, uma pessoa mais baixa, magra, com uma motocicleta e aí desceu pelo trilho lá em direção à Wilkemann, aí logo depois a Brigada localizou uma moto idêntica a essa andando lá na Bela Vista. **Juiz** – Próximo a AGCO? **Testemunha** – Sim à associação, e aí foi verificado que essa moto pertence a um presidiário, um tal de Valdir Macias dos Santos, acho, e aí ele foi chamado e acho que até o Fausto que tomou o depoimento dele, ele alegou que essa moto tinha sido furtada, só que essa ocorrência ele fez umas oito horas depois desse fato e que naquela hora ele estava viajando para Três de Maio, que trabalhou a tarde inteira em Três de Maio, só que depois, analisando-se os fatos, comprovou-se que o telefone que ele estava usando tava usado daqui, alguém aqui de Santa Rosa. **Juiz** – Esse Marcus Paschoal teria avistado então o Belen e o Valdir? **Testemunha** – O Belen e o Valdir. **Juiz** – Estavam sem capacetes? **Testemunha** – Não estavam, os capacetes acho até que em uma árvore, e aí os dois vieram correndo em direção à moto, pegaram, colocaram os capacetes e depois saíram andando com ela, diz que estavam uns dez, quinze metros deles. **Juiz** – O que, também foi ouvido um taxista? **Testemunha** – A o Gil, o Gil ele trouxe que uns dias antes de ocorrer o roubo ele fez uma corrida, depois que identificado, seria o Belen, não me lembro o primeiro nome dele, lá nos apartamentos onde mora o Dile que é vizinho desse taxista e conhece bem, e uma outra ocasião, acho que no dia do roubo, de noite, ele fez a outra corrida para eles ali na Wilkemann, acho que ali na frente que da acesso à casa da Simone Kamchen. (...) **Juiz** – Pelo Ministério Público. **Ministério Público** – O Senhor visualizou as imagens? **Testemunha** – Imagens do (...)? **Ministério Público** – Do Supermercado. **Testemunha** – Do roubo, olhei, da para ver que uma pessoa chega e corre. **Ministério Público** – E nessas imagens o Senhor consegue identificar quem praticou o roubo? **Testemunha** – É complicado dizer quem é ele, porque estava, acho que com boné, óculos, mas a estatura física, aparentemente (...) **Ministério Público** – As características são as mesmas? **Testemunha** – São parecidas com o Belen. **Ministério Público** – Nada mais. **Juiz** – José essa filmagem foi apreendida? **Testemunha** – Tinha CD na Delegacia, não sei se não (...). **Juiz** – Pela Defesa do réu Vanderlei. **Defesa** – Nada. **Juiz** – Pela Defesa do réu Aldair...

No caso, analisando a prova testemunhal colhida, aliada ao reconhecimento pessoal (na fase inquisitorial e judicial) e às imagens do CD da fl. 1072, percebo que inexistem dúvidas sobre a autoria do roubo, pelo acusado Aldair Pimentel Belen.

No caso em apreço, entendo que a palavra das testemunhas, aliadas ao reconhecimento pessoal merece total credibilidade.

Nesse sentido o seguinte julgamento:



AC Nº. 70.050.368.547AC/M 4.120 - S 13.09.2012 - P 26
APELAÇÃO CRIMINAL. ROUBO DUPLAMENTE MAJORADO.
VEREDICTO CONDENATÓRIO DA SENTENÇA.
MANUTENÇÃO. RECONHECIMENTO SEGURO DA RÉ PELA
VÍTIMA E POR UMA TESTEMUNHA PRESENCIAL.
EVENTUAL IMPRECIÇÃO DA TESTEMUNHA EM DETALHES
IRRELEVANTE, QUANTO MAIS EM FACE DO LONGO
DECURSO DO TEMPO ENTRE O FATO DENUNCIADO E A
AUDIÊNCIA NA QUAL HOUE O RECONHECIMENTO.
NEGATIVA DE AUTORIA ISOLADA. PROVA SUFICIENTE.
REDUÇÃO DA PENA CARCERÁRIA DA RÉ. REVALORAÇÃO
DAS OPERADORAS JUDICIAIS. AUMENTO DA PENA PELAS
MAJORANTES FIXADO NO MÍNIMO LEGAL. REDUÇÃO DA
PENA DE MULTA CUMULATIVA PARA O MÍNIMO LEGAL.
APELO PARCIALMENTE PROVIDO. (Apelação Crime Nº
70050368547, 6.^a Câmara Criminal, TJRS, Rel.: Aymoré Roque
Pottes de Mello, j. Em 13/09/2012).

APELAÇÃO CRIME. ROUBO MAJORADO. CONCURSO DE
PESSOAS. 1. ÉDITO CONDENATÓRIO. MANUTENÇÃO. Prova
documental e oral amplamente incriminatórias. Relatos da
vítima, coerentes e convincentes, nas duas fases de
ausculta, no sentido de que o réu e seu comparsa a
abordaram, exigindo a entrega do telefone celular, sob pena
de usarem a arma de fogo que diziam possuir. Relevância da
palavra da vítima, na espécie plenamente corroborada,
ainda, pela narrativa de testemunha presencial e dos
policiais militares que, acionados, prenderam o agente em
flagrante. Prova segura à condenação, que vai mantida. 2.
TENTATIVA. NÃO RECONHECIMENTO. DELITO
CONSUMADO. Hipótese em que o denunciado concretizou a
grave ameaça, arrebatando o celular da vítima,
empreendendo fuga na sequência, até ser, momentos
depois, preso em flagrante pelos milicianos acionados. Res
que foi recuperada posteriormente, entregue pela advogada
do delinquente na Delegacia de Polícia, a pedido dele.
Impossibilidade do reconhecimento da tentativa. 3(...).
(Apelação Crime Nº 70048012314, 8.^a Câmara Criminal, TJRS,
Rel.: Fabianne Breton Baisch, j. em 29/08/2012).

Impende registrar, outrossim, que o art. 157 do Código Penal exige a comprovação da 'violência ou grave ameaça' para que reste configurado o roubo, sob pena de desclassificação para o crime de furto.

No caso dos autos, é incontroverso que o acusado Aldair usou de grave ameaça, perpetrada com arma de fogo para reduzir a capacidade de resistência do ofendido Claudiomiro e facilitar a subtração da *res furtivae*.

Além disso, o réu Aldair foi preso, dias depois do fato, em um balneário de Santa Rosa, quando reunido com a quadrilha que possivelmente integrava, sendo, também, apreendido em poder dos então flagrados, um



verdadeiro arsenal de armas, munições, rádios comunicadores e aparelhos celulares.

Entre as armas apreendidas, estava a pistola periciada às fls. 1163/1165 e fotografada às fls. 288/289, a qual a vítima Claudiomiro Visentini alega ser idêntica a utilizada para perpetrar o ilícito. Na perícia restou comprovada a potencialidade lesiva da arma de fogo, a qual produziu disparos eficazes. Portanto, demonstrada a majorante do emprego de arma.

Da mesma forma, o concurso de pessoas é evidente (art. 157, §2.º, inciso II, do CP), principalmente porque as testemunhas Marcos Antônio Paschoal (fl. 1025) e Fábio Airton Wink (fl. 1027) afirmam que presenciaram que Aldair Pimentel Belen, após ter saído em disparada, pegou carona em uma moto que estava estacionada nas proximidades da Escola Infantil Curumim. Ou seja, evidente que os meliantes utilizaram a motocicleta para promover a fuga e, dessa forma, garantir o sucesso da empreitada criminosa.

Em semelhante sentido a jurisprudência:

APELAÇÃO CRIMINAL. CRIME CONTRA O PATRIMÔNIO. ROUBO DUPLAMENTE MAJORADO PELO EMPREGO DE ARMA E PELO CONCURSO DE AGENTES (ART. 157, § 2º, I E II, C/C ART. 14, II, AMBOS DO CP). Materialidade e autoria. Inequivocas a materialidade e a autoria do delito diante da consistente palavra da vítima, que tornou indúvidos, do mesmo modo, o emprego da arma de fogo e o concurso de agentes. (...) Majorante do emprego de arma. Nos termos das decisões deste Colegiado, para o reconhecimento da majorante do emprego de arma no delito de roubo, é desnecessária a apreensão do artefato e sua consequente submissão à perícia para a comprovação da potencialidade lesiva. A causa de aumento pode ser demonstrada por outros elementos convincentes extraídos dos autos, como a palavra da vítima. Concurso de agentes. Comprovado pela prova testemunhal, sendo desnecessário o prévio ajuste de vontades para a prática do delito, bastando um agente aderir à conduta do outro. Apenamento. Mantido. Recurso desprovido. (Apelação Crime Nº 70044100725, 7.ª Câmara Criminal, TJRS, Rel.: Carlos Alberto Etcheverry, J. em 15/09/2011, ementa parcial, sublinhei).

Quanto à majorante do inc. III do §2.º do art. 157 do Código Penal, nada há nos autos que possa ser capaz de comprovar sua configuração, porquanto, no tocante ao acusado Vanderlei Rodrigues, s.m.j., inexistem provas aptas a ensejar uma condenação.

Além disso, não percebo, nos elementos coletados ao feito, prova cabal sobre a participação de Vanderlei Rodrigues na execução do delito, seja como informante da rotina seguida pela vítima Claudiomiro, seja como auxiliar



dos demais envolvidos no fato em análise, de qualquer forma.

Ao ser ouvido, Vanderlei confirma que, na data do roubo, esteve na Cooperativa São Luiz, revelando que:

Juiz – O senhor é acusado juntamente com Aldair Pimentel Belen e Valdir da Silva Santos, da prática do crime de roubo, ocorrido em 31 de janeiro de 2011, por volta das 12h10min, junto ao Supermercado São Luiz. O senhor nega sua participação ou confirma? **Interrogando** – Nego. **Juiz** – A denúncia da conta Vanderlei que o senhor na condição de amigo do Claudiomiro Visentini, teria prestado informações privilegiadas para que o Aldair e o Valdir cometessem o crime de roubo. O senhor era amigo do Claudiomiro? **Interrogando** – Era, (...) anos atrás. **Juiz** – No dia do fato o senhor esteve no Supermercado São Luiz? Dia 31 de janeiro. **Interrogando** – Eu estive na manhã lá, um senhor do São Luiz (...) trocado lá. **Juiz** – O senhor no dia 31 de janeiro foi lá no São Luiz para pagar um cheque? **Interrogando** – É. **Juiz** – Que voltou? **Interrogando** – É, da minha esposa, na verdade a minha esposa ia trabalhar, ela ia levar um currículo dela, o Visentini finado, que iam indicar o emprego para ela, mas como ela devia o cheque ela tinha que estar em dia... **Juiz** - Aí o senhor foi lá para liquidar esse cheque? **Interrogando** – É, eu não lembro o nome do rapaz da administração que me ligou de manhã pra mim ir lá. **Juiz** - O senhor nesse dia falou com o Visentini? **Interrogando** – Falei nas escadas, descendo. **Juiz** – E que horas que era quando o senhor falou com ele? **Interrogando** - Devia ser 09h30, 10h. **Juiz** – Por volta das 12h o senhor não esteve em frente ao mercado São Luiz? **Interrogando** – Não, não. **Juiz** - Antes do fato, o senhor mantinha contato seguidamente com o Vesentini? **Interrogando** – Toda semana. **Juiz** – Jogavam bocha junto? **Interrogando** – Bocha e participava (...). **Juiz** – O senhor manteve contato pessoal ou por telefone com o Aldair Pimentel Belenn e Valdir da Silva Santos? O senhor tinha contato com eles? **Interrogando** – Não, eu não conheço eles. **Juiz** – Nunca ligou para o telefone deles? **Interrogando** – No caso, a questão do telefone, se alguém precisava, algum cliente, a gente empresta, mas eu não (...) falar com essas pessoas. **Juiz** – Então o senhor pessoalmente não falou com ele? **Interrogando** – Não, não. **Juiz** – A sua família, a sua esposa? **Interrogando** – Não, não. **Juiz** - O Aldair e o Valdir frequentaram ou estiveram na sua casa? **Interrogando** – Não. **Juiz** – Nunca? **Interrogando** – Nunca, eu nem conheço eles. **Juiz** – Como é que é o nome da sua esposa, companheira? **Interrogando** - Solange (...). **Juiz** – O Aldair e o Valdir não tiveram contato com ela? **Interrogando** – Não. **Juiz** - O senhor nesse dia foi unicamente lá para acertar o cheque e facilitar o emprego (...) da sua esposa? **Interrogando** - Isso, isso, na sexta-feira anterior eu fui lá para pagar esse cheque e aí (...) me ligaram na segunda para ir lá acertar esse cheque. **Juiz** – O senhor conhecia o Aldair e o Valdir? **Interrogando** – Não. **Juiz** - Nunca viu eles? **Interrogando** –



Nunca vi. **Juiz** – Só conhecia o Visentini e que era seu amigo?
Interrogando – O Visentini, meu amigo (...) junto. **Juiz** – Pelo Ministério Público. **Ministério Público** – Nada. **Juiz** – Pela Defesa. **Defesa** - Vanderlei você mencionou que jogava bocha com o Visentini, pergunto, vocês se ligavam também para combinar esses jogos, tinham uma relação bem próxima?
Interrogando – Toda semana, quase todo dia nós nos falávamos. **Defesa** - Me conta um pouco do Visentini, dessa intimidade que vocês tinham, especificamente, assim se ele chegava comentar nos jogos, com mais amigos, a função que ele tinha lá na cooperativa? **Interrogando** – Comentava sim, a gurizada que era amiga nossa, do grupo de bocha comentava que era perigoso ele fazer esse tipo de serviço que ele fazia. **Defesa** – Ele comentava que transportava valores, isso?
Interrogando – Sim. **Defesa** – Só para clarear, no dia do assalto o Dr. perguntou se perto do meio dia vocês tinham conversado e você falou que não. Você conversou pelas 10 horas nas escadas, dentro do mercado? **Interrogando** - Do mercado não. **Defesa** – Das escadas da administração lá? **Interrogando** – Isso, do escritório. **Defesa** – Tu falou no início do interrogatório que a tua atividade seria uma lavagem, tu tinha um telefone fixo na lavagem? **Interrogando** – Não, esse celular eu usava, como não tinha fixo eu usava o celular. **Defesa** – Então ele fazia o papel do fixo? **Interrogando** – Sim. **Defesa** – E outras pessoas utilizavam esse telefone também? **Interrogando** – Utilizavam. Vinham e as vezes esqueciam o telefone e aí pediam uma carona, coisa assim e aí eu emprestava... (fls. 1159/1160).

Da mesma forma, a vítima Claudiomiro Visentini revela que conhecia Vanderlei e sabia que ele havia ido até a cooperativa na data do roubo, pela parte da manhã, para resgatar um cheque, pois estava tentando arrumar um emprego, na cooperativa, para sua companheira. Além disso, a vítima Claudiomiro também sustenta que várias pessoas tinham conhecimento acerca de sua rotina de trabalho, não suspeitando que Vanderlei possa estar envolvido com o roubo em análise.

É importante salientar, também, que o fato de Vanderlei ter ido até a Cooperativa na data do crime ou em dias anteriores, bem como a circunstância de ter mantido contato telefônico com Aldair, inclusive na data do fato, por si só, não permite a conclusão sobre sua participação no roubo.

O Policial Rodinei Luis de Souza Barroso, ao ser ouvido sobre a suposta participação de Vanderlei, salienta que:

(...) **Juiz** – E o Vanderlei? **Testemunha** – No decorrer das investigações nos recebemos informes de que alguém, amigo da vítima, que era conhecido da vítima tinha informações privilegiadas, porque era amigo da vítima e que repassou para alguém essas informações. Diante dessas informações nos inquirimos, reinquirimos essa vítima que é o Claudiomiro Visentini e ela confirmou que *“ó tem um cara que é meu amigo e no dia estava lá”* **Juiz** – No dia do fato o Vanderlei esteve lá na



Cooperativa? **Testemunha** – Esteve lá na Cooperativa com uma outra desculpa que ele tinha um cheque e depois não acabou acertando. **Juiz** – Havia alguma ligação telefônica de telefones do Aldair Belen ou do Valdir para o Vanderlei? **Testemunha** – Ficou comprovado nos extratos, na quebra do sigilo telefônico que foi feito inúmeras ligações tanto antes como depois do telefone do Vanderlei para o telefone que então na época usava o Aldair Pimentel Belen. **Juiz** – Então a participação do Vanderlei seria em prestar informações? **Testemunha** – No primeiro momento o empréstimo de informações e nos parece, pelo que foi trazido para dentro do inquérito, que certamente ele foi lá para mostrar para o Aldair, que possivelmente estivesse perto, para mostrar quem era a vítima que o cara teria que assaltar. **Juiz** – Ou seja, no dia do fato o Vanderlei teria indicado quem deveria ser assaltado? **Testemunha** – Com certeza, pelo que está dentro do inquérito um pouquinho antes do assalto ele esteve no mercado, falou com a vítima, ficou na frente da rua... **Juiz** – Então no dia ele indicou para o Belen quem seria o Visentini? **Testemunha** – Com certeza, pelo que está dentro do inquérito. O que ele foi fazer lá? Segundo a versão dele, a alegação foi de que foi até lá para (...) cheque que a esposa dele (...) Cooperativa, só que se comprovou que ele manteve inúmeras ligações antes do roubo e logo depois do roubo com o telefone de uso do Aldair Pimentel Belen. **Juiz** - Quem é que acompanhou as investigações juntamente com o senhor? **Testemunha** – Todo o pessoal da investigação. **Juiz** – O José? **Testemunha** – O Fausto logo depois entrou em férias, mas todos acompanharam. **Juiz** – O José e o Roberto sim? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – **Pelo Ministério Público.** (...) **Defesa** – O senhor mencionou também que informes tiveram conhecimento que o Vanderlei teria participado, em tese, neste crime dando informações privilegiadas de que ele tinha conhecimento que o Visentini transportava valores. Aí eu pergunto, vocês também tiveram informes que outras pessoas também sabiam que o Visentini transportava valores? **Testemunha** – Mas me parece, ao meu juízo, que muitos funcionários devem ter conhecimento, só que relativo ao fato, a informação que obtivemos e que foi confirmada é de que um amigo dele que repassou essas informações, essas informações foram tornadas verídicas no momento que...com base na quebra do sigilo telefônico se comprovou essas informações que nós obtivemos. **Juiz** – A primeira pergunta do Dr. é que se diversas pessoas sabiam da rotina do Visentini? **Testemunha** – Acredito que sim, mas isso eu não posso afirmar. **Juiz** – O senhor mencionou também que o Vanderlei estava lá pela parte da manhã e que supostamente o senhor acha que ele foi lá fazer troca de cheque e o senhor sabe me informar com certeza se tinha algum cheque da esposa dele lá? **Testemunha** – O que foi trazido para dentro do inquérito é que efetivamente existia o cheque lá e que ele foi com essa desculpa, mas pelo que eu sei e que foi trazido para dentro do inquérito e na verdade não foi acertado até então no decorrer das investigações esse cheque e inclusive a própria vítima achou estranha a situação, tanto que



depois do fato ele foi verificar para ver se o cara tinha estado lá, uma série de circunstâncias e comportamentos desse Vanderlei que ele desconfiou e trouxe para nós e foi colocado no papel... (fls. 1020, verso/1022).

José Roque Gerlach acrescenta que:

(...) **Juiz** – E José, no que consistiu a participação do Vanderlei?
Testemunha – O Vanderlei seria, no início nós não tínhamos essa ligação, só que depois chegou à informação que teria envolvimento um mecânico e aí nós chamamos a vítima de novo para dar novo depoimento aí a (...) disse que tem um amigo dele de infância que é mecânico e que naquele dia, uns minutos antes desse roubo ele teve lá no Mercado São Luiz na frente do mercado conversando com o (...), disse que ele foi lá cobrar um cheque, aliás endereçar um cheque que a mulher dele largou lá, um cheque sem fundo, até agora isso não era normal dele. **Juiz** – O que a polícia concluiu que o Vanderlei foi lá para indicar quem que seria o (...)? **Testemunha** – Para provavelmente mostrar a pessoa que iria cometer o roubo. **Juiz** – Foi recuperado algum valor? **Testemunha** – Valor, não, acho que não. **Juiz** – Cheque em poder do Vanderlei, do Aldair, do Valdir? **Testemunha** – Acho que não. **Juiz** – A arma utilizada foi apreendida? **Testemunha** – Uma 9 mm, depois na outra prisão que foi lá no Balneário Belas Águas foi pego uma pistola 9 milímetros, igual essa que ele usou em poder do (...). **Juiz** – José, antes e depois do roubo constataram que o Vanderlei manteve contato telefônico? **Testemunha** – Exato, pelos estratos, o Vanderlei teve contato com aquele telefone que depois foi apreendido com o Belen, vários contatos no dia, naquele horário e, se não me engano tem, acho que também quem pode dizer certinho acho que é o Rudinei, com o próprio Valdir, dono da moto (...).

Pelos depoimentos dos policiais, percebo que, de fato, existem suspeitas sobre a pessoa de Vanderlei. Porém, o alibi por ele apresentado, de que foi até a Cooperativa acertar um cheque, vem corroborado, inclusive, pelas palavras da própria vítima Claudiomiro Visentini.

É notório, outrossim, que existem suspeitas sobre o envolvimento de Vanderlei no crime. Todavia, a certeza necessária à condenação não está presente no contexto dos autos, sendo imperativa a absolvição.

Nesse sentido a jurisprudência:

APELAÇÃO CÍVEL. ECA. ATO INFRACIONAL. ROUBO. FRAGILIDADE DA PROVA EM JUÍZO. ABSOLVIÇÃO. A prova realizada é frágil para servir de substrato ao juízo condenatório. Os adolescentes negaram sua participação. Das vítimas, apenas uma delas apontou os jovens como autores do roubo, em juízo. A outra vítima, em todas as oportunidades, disse não ter tido condições de identificar



os agressores. O conjunto probatório em juízo deve ser robusto de tal forma que afaste qualquer fumaça de dúvida. A prova na polícia não serve de fundamento, por si só, para a condenação, mas deve ser apreciada no conjunto, isto é, juntamente com o que foi apurado em juízo e, no caso, a prova judicial é singela, resumindo-se apenas à palavra de uma das vítimas que, anteriormente, já havia dito que não teve condições de identificar os assaltantes. Ante tal contexto, a absolvição se impõe. **DERAM PROVIMENTO. UNÂNIME.** (Apelação Cível Nº 70049963481, 8.^a Câmara Cível, TJRS, Rel.: Luiz Felipe Brasil Santos, j. Em 27/09/2012).

APELAÇÃO CRIMINAL. CRIME CONTRA O PATRIMÔNIO. ROUBO TENTADO. INSUFICIÊNCIA PROBATÓRIA. ABSOLVIÇÃO MANTIDA. O conjunto probatório mostrou-se insuficiente para demonstrar a materialidade e a autoria do delito, com a certeza necessária para embasar um juízo condenatório. Não sendo possível, no processo penal, a condenação com base apenas em indícios e suposições, impõe-se a manutenção da absolvição do acusado, com fundamento no art. 386, VII, do CPP. **APELO DESPROVIDO.** (Apelação Crime Nº 70049438146, 7.^a Câmara Criminal, TJRS, Rel.: Carlos Alberto Etcheverry, j. Em 27/09/2012).

Com efeito, para a condenação, a prova em juízo deve ser robusta, de tal forma que afaste qualquer fumaça de dúvida. Desse modo, os elementos carreados na fase policial devem ser apreciados no conjunto com o que foi apurado em juízo e, no caso, a prova judicial é singela em relação ao réu Vanderlei, resumindo-se apenas à palavra dos policiais, os quais suspeitam de sua participação no roubo ocorrido em 31 de janeiro de 2011.

Diante de tal contexto, a absolvição de Vanderlei se impõe.

Nesse toar, como já acima mencionado, deve ser afastada a majorante do inciso III do §2.º do art. 157 do Código Penal, pois não comprovado que os executores do roubo realmente sabiam que a vítima Claudiomiro estava transportando valores no malote que portava naquele fatídico dia, pois o funcionário, além de transportar valores, também realizava outros trabalhos, conforme depoimento de Joel Antônio Capeletti:

Juiz – Nós temos uma denúncia contra Aldair Pimentel Belen, Valdir da Silva Santos e Vanderlei Rodrigues. Eles são acusados de praticar um crime de roubo por volta das 12h e 10min, na Rua Júlio Leopoldo Rauber. **Testemunha** – Isso. **Juiz** – Contra a Cooperativa do qual o senhor é presidente? **Testemunha** – Isso. **Juiz** – O senhor tomou conhecimento desse fato? **Testemunha** – Tomei conhecimento. **Juiz** – Quem que era o funcionário responsável? **Testemunha** – O Visentini. **Juiz** – A Cooperativa não recuperou nada do dinheiro? **Testemunha** – Não. **Juiz** -



Não? **Testemunha** – Inclusive tem um cheque lá que foi junto e até hoje não entrou. **Juiz** – No malote havia R\$ 94.953,33 (noventa e quatro mil, novecentos e cinquenta e três reais e trinta e três centavos) em cheques e R\$ 86.700,00 (oitocentos e seis mil e setecentos reais) em dinheiro, isso? **Testemunha** – Isso. **Juiz** – O rapaz, o Claudiomiro identificou alguém? O senhor sabe se ele identificou alguém? **Testemunha** – Ele foi chamado na DP para fazer a identificação, agora se chegou a identificar é com ele. **Juiz** – Como eu lhe disse, a Cooperativa não conseguiu nada do dinheiro? **Testemunha** – Não, não, não, ficou no prejuízo. **Juiz** - O Visentini contou para o senhor como foi a forma de agir, se utilizaram armas? **Testemunha** – Sim. **Juiz** – Sim? **Testemunha** – Sim, no primeiro momento ele achou que aquilo não era sério, aí um funcionário disse: “melhor você...” **Juiz** - Seu Capeletti, o Visentini tinha uma rotina de transportar o malote diariamente, semanalmente? Como era isso? **Testemunha** – O trabalho dele era diário, mas nem sempre ele leva dinheiro, ele só faz os bancos, ele é office boy e estranho porque sabiam que ele estava levando dinheiro. **Juiz** – **Pelo Ministério Público. Ministério Público** – Há quanto tempo o Visentini trabalhava para a Cooperativa? **Testemunha** – Faz tempo, acho que mais de 04 (quatro) anos. **Ministério Público** - O senhor sabe como foi o agir dessas pessoas que roubaram o valor? **Testemunha** – Para mim, para isso acontecer tinha informantes. **Ministério Público** – O Visentini chegou a comentar como os fatos ocorreram, onde ele estava? **Testemunha** – No dia ele estava muito abalado, não tinha nem condições de falar e aí quem falou foi o outro rapaz, o “alemão” que estava junto com ele e ele contou como foi o fato. **Ministério Público** - O “alemão” também presenciou o fato? **Testemunha** – Esse que foi que pediu para o Visentini não reagir, esse alemão. **Ministério Público** – Nada mais. **Juiz** – O Visentini comentou com o senhor que ele desconfiava de alguém ligado a ele e que teria passado informações? **Testemunha** – Ele comentou com o superintendente.... **Juiz** – Chegou a comentar com alguém então. **Testemunha** – Comentou sim, mas comigo não... (fl. 1016).

Com espeque nessas premissas, o corolário lógico é a parcial procedência dos pedidos da denúncia, com a condenação de Aldair Pimentel Belen nas sanções do art. 157, §2.º, incisos I e II, do Código Penal, ocorrendo a absolvição de Vanderlei Rodrigues, por falta de provas, forte no art. 386, inciso VII, do Código de Processo Penal.

ISSO POSTO, julgo **PARCIALMENTE PROCEDENTES** os pedidos da denúncia, para:

A) ABSOLVER o réu **VANDERLEI RODRIGUES** já qualificado, por falta de provas, forte no art. 386, inciso VII, do Código de Processo Penal;

B) CONDENAR o réu **ALDAIR PIMENTEL BELEN**, já



qualificado, nas penas do art. 157, §2.º, incisos I e II, do Código Penal.

Passo a dosimetria da pena do réu **Aldair**:

Trata-se de réu apto a entender o caráter ilícito da conduta que adotara e poderia perfeitamente ter evitado ou mitigado, o que indica culpabilidade em grau médio. O réu registra antecedentes (fls. 1316/1320), inclusive configurada a reincidência. Personalidade, com traços desfavoráveis, pois demonstra um contínuo envolvimento com a Justiça Criminal, o que não é comum à maioria dos cidadãos. Motivos comuns à espécie: lucro fácil. Circunstâncias, sem relevo. Consequências, de grande monta, considerando o prejuízo auferido pela empresa, no montante de R\$ 94.953,33 (noventa e quatro mil, novecentos e cinquenta e três reais e trinta e três centavos). As vítimas em nada contribuíram. Assim, fixo a pena-base em 05 (cinco) anos de reclusão.

No caso, presente a agravante da reincidência, pois o réu ostenta condenação transitada em julgado nos processos n.º 011/2.03.0002379-7 (com trânsito em julgado em 25/02/2004 – fl. 1316); n.º 028/2.03.0003049-1 (com trânsito em julgado em 23/11/2006 – fl. 1316, verso); n.º 060/2.03.0000649-4 (com trânsito em julgado em 27/12/2004 – fl. 1317); n.º 153/2.03.0000104-07 (com trânsito em julgado em 06/06/2006 – fl. 1317, verso), n.º 076/2.03.0000375-8 (com trânsito em 01/08/2006 – fl. 1318), n.º 096/2.02.0001108-3 (com trânsito em julgado em 16/04/2007 – fl. 1318), aumento a pena em 04 (quatro) meses, tornando-a provisória em 05 (cinco) anos e 04 (quatro) meses de reclusão.

Presentes as majorantes do concurso de pessoas e emprego de arma (conforme análise acima), dispostas nos incisos I e II do § 2.º do art. 157 do Código Penal, aumento a pena em 1/3, restando fixada em **07 (sete) anos, 01 (um) mês e 10 (dez) dias de reclusão**, a qual torno definitiva, diante da inexistência de outras causas modificadoras.

O regime de cumprimento da pena será o inicialmente fechado (reincidência), executada na Penitenciária Estadual Modulada de Charqueadas (Área PMEC), em Charqueadas/RS, onde o réu já cumpre pena, forte no art. 33 do Código Penal.

Considerando as circunstâncias judiciais, condeno o réu à pena pecuniária de 20 dias-multa, à razão de 1/30 do salário-mínimo, cada dia multa, em razão de suas condições econômicas, com correção monetária a contar do prazo do art. 50 do Código Penal.

No caso, inviável a substituição da pena privativa de liberdade (art. 44 do CP) e a suspensão da pena (art. 77 do CP), pois ausentes os requisitos autorizadores.

Recomende-se à Penitenciária Estadual Modulada de Charqueadas (Área PMEC), em Charqueadas/RS, onde o réu cumpre pena.

Encaminhe-se as peças necessárias à respectiva VEC, para formação do PEC provisório.



Condeno, ainda, o réu Aldair ao pagamento de **R\$ 86.700,00 (oitenta e seis mil e setecentos reais)**, referente à reparação de danos sofridos pelo estabelecimento comercial vitimado, conforme dispõe o art. 387, inciso IV, do Código de Processo Penal, pois o delito ocorreu em 31/01/2011, portanto, já na vigência da Lei n.º 11.719/2008 (vigência à partir de 20/06/2008), a qual determina a fixação de valor mínimo para reparação dos danos causados pela infração.

Condeno, ainda, o réu Aldair, ao pagamento das custas processuais. Todavia, por ser pessoa de poucos recursos econômicos, concedo-lhe o benefício da assistência judiciária gratuita, suspendendo a exigibilidade de referida verba, forte no art. 12 da Lei n.º 1.060/50.

Transitada em julgado, **(a)** lance-se o nome do réu ALDAIR PIMENTEL BELEN no rol dos culpados; **(b)** remetam-se os BIEs; **(c)** forme-se o PEC, remetendo-o à respectiva Vara de Execução Criminal.

Com relação aos objetos apreendidos, determino que seja oficiado a 1.ª Delegacia de Polícia de Santa Rosa, solicitando a relação dos objetos que permanecem apreendidos, relacionados ao presente expediente, para posterior análise e destinação e/ou devolução.

Publique-se.

Registre-se.

Intimem-se, inclusive a vítima, nos termos do art. 201, §2.º, do Código de Processo Penal.

Santa Rosa, 23 de outubro de 2012.

EDUARDO SÁVIO BUSANELLO
JUIZ DE DIREITO.